

O professor de educação física com deficiência física e sua atuação profissional: um estudo de caso entrelançando preconceitos e estereótipos

 **Santos, Fabrício de Paula**

 **Franco, Marco Antônio Melo**

O professor de educação física com deficiência física e sua atuação profissional: um estudo de caso entrelançando preconceitos e estereótipos

Revista Tempos e Espaços em Educação, vol. 16, núm. 35, e18568, 2023

Universidade Federal de Sergipe

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=570274334027>

DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v16i35.18568>

Revista Tempos e Espaços em Educação 2023



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional.

Artigos

O professor de educação física com deficiência física e sua atuação profissional: um estudo de caso entrelançando preconceitos e estereótipos

The physical education teacher with physical disabilities and his professional performance: a case study interlaving prejudices and stereotypes

El profesor de educación física con discapacidad física y su desempeño profesional: un estudio de caso entrejurando prejuicios y estereotipos

*Fabício de Paula Santos*¹

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

fabricao_fps@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-7199-6181>

*Marco Antônio Melo Franco*¹

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-0159-4109>

Revista Tempos e Espaços em Educação,
vol. 16, núm. 35, e18568, 2023

Universidade Federal de Sergipe

Recepción: 07 Enero 2023

Aprobación: 12 Abril 2023

Publicación: 16 Mayo 2023

DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v16i35.18568>

Resumo: Na última década temos visto um aumento da literatura, no campo da Educação Física, abordando casos de pessoas com deficiência, particularmente, casos de alunos. O estudo aqui proposto direciona o foco para o professor de Educação Física objetivando investigar a atuação de uma professora com deficiência física, que atua como personal training em uma academia de ginástica. A partir de uma abordagem qualitativa de investigação, optou-se por desenvolver um Estudo de Caso. Como resultados foi possível identificar uma profissão e um ambiente de trabalho atravessado pelo preconceito e pelo estereótipo, principalmente, no que diz respeito à estética do corpo. Por outro lado, os resultados também evidenciam a negação, por parte da personal training, sobre esses mesmos aspectos. O estudo considera que há uma tensão entre o preconceito velado e a posição de negação, desse preconceito, pela profissional.

Palavras-chave: Deficiência, Educação Física, Personal Training.

Abstract: In the last decade we have seen an increase in literature in the field of Physical Education, addressing cases of people with disabilities, particularly cases of students. The study proposed here directs the focus to the Physical Education teacher aiming to investigate the performance of a teacher, with physical disability, who works as personal training in a gym. From a qualitative research approach, it was decided to develop a Case Study. As a result, it was possible to identify a profession and a work environment crossed by prejudice and stereotype, especially with regard to the aesthetics of the body. On the other hand, the results also show the denial, on the part of personal training, about these same aspects. The study considers that there is a tension between the veiled prejudice and the position of denial, of this prejudice, by the professional.

Keywords: Disability, Physical Education, Personal training.

Resumen: En la última década hemos visto un incremento en la literatura, en el campo de la Educación Física, abordando casos de personas con discapacidad, particularmente, casos de estudiantes. El estudio propuesto aquí dirige el foco al profesor de Educación Física, con el objetivo de investigar el desempeño de un profesor con discapacidad física, que actúa como entrenador personal en un

gimnasio. Desde un enfoque de investigación cualitativa, se decidió desarrollar un Estudio de Caso. Como resultado, fue posible identificar una profesión y un ambiente de trabajo atravesado por prejuicios y estereotipos, principalmente en lo que se refiere a la estética corporal. Por otro lado, los resultados también muestran negación, por parte de la formación personal, sobre estos mismos aspectos. El estudio considera que existe una tensión entre el prejuicio velado y la posición de negación de ese prejuicio por parte del profesional.

Palabras clave: Deficiencia, Educación Física, Entrenamiento personal.

INTRODUO

Na ltima dcada temos visto a literatura, no campo da Educao Fca, abordar casos de pessoas com deficincia (Andrade, 2018). O foco tem sido, na maioria das vezes, o aluno com deficincia e a sua inserao nas aulas de Educao Fca. Alguns estudos costumam abordar a prtica pedaggica do professor para a incluso destes alunos em suas aulas (Gregorutti et al., 2017).

Em contrapartida, poucos estudos esto focados no professor com deficincia no ambiente profissional. Destaca-se o estudo de Thomaz (2016), que teve como objetivo conhecer os desafios encontrados por professores com deficincia em seus trabalhos como docentes, graduados em cursos de licenciaturas. O estudo desse autor analisou os desafios da formao inicial e o processo de inserao profissional de cinco professores, por meio de entrevista e anlise de contedo, constatando o quanto a presena desses professores ressignificou o conceito social atribudo a pessoa com deficincia nos locais de trabalho, contribuindo assim para um novo olhar sobre a deficincia.

Outra perspectiva de estudo acerca das pessoas com deficincia costuma abordar o ingresso das mesmas em universidades. De acordo com Cruz (2013), as pessoas com deficincia enfrentam dificuldades para ingressarem na universidade e diversos obstculos quando esto nesses espaos, devido a falta de acessibilidade nos prdios, falta de capacitao docente e outros recursos necessrios para um efetivo processo inclusivo, que leve em conta no apenas o seu ingresso, mas a sua permanncia, a qualificao da sua formao e sua diplomao. Independente dessa realidade, ainda permeada por dificuldade, tem-se uma evoluo no quadro de matrculas desses alunos em cursos de graduao presencial e a distncia (Martins et al., 2015). A presena de estudantes com deficincia no ensino superior refora os direitos desses indivduos que foram conquistados ao longo dos anos, bem como os avanos travados pelas lutas sociais. Por, desvela os conflitos Institucionais que so exclusivamente classificatrios e seletivos (Lustosa & Ribeiro, 2020). Apesar disso, as pessoas com deficincia representam uma camada mnima de apenas 0,56% do total de estudantes matriculados no ensino superior, como aponta o Censo do Ensino Superior de 2019- INEP (2019). Para Magalhães (2006), a educao superior ainda , elitista e voltada para poucos. As minorias ou grupos no hegemnicos tm acesso restrito e falta de condies adequadas para a permanncia.

Quando tratamos de pessoas com deficincia fca, foco deste estudo, existem evidncias de que tendem a ter estilos de vida menos ativos em relao s pessoas sem deficincia (Rimer, 2004). Comparados aos demais, aqueles com deficincia demonstram, com maior freqncia, comportamentos sedentrios, prevalncia de sobrepeso/obesidade e nveis mais precrios de aptido fca (Cervantes & Porreta, 2010). Nesta direao, muitos so os fatores que dificultam a esse indivduo a se graduar em Educao Fca e, menos ainda, a se tornar um *personal training*, uma vez que esto mais

propensos ao sedentarismo, à falta de acessibilidade e à baixa demanda no ingresso ao ensino superior, além de todo o estigma e preconceito que carregam e enfrentam.

Na contemporaneidade, percebe-se que o corpo, no sentido estético, se configura como um fator importante para os professores atuantes como *personal training*. O corpo, neste sentido, passa a ser critério valioso na avaliação do aluno quando vai contratar um professor. De acordo com Dantas (2011), o corpo torna-se facilmente lugar de concretização do bem-estar através da forma e da manutenção da juventude. Numa sociedade em que a felicidade, muitas vezes, está vinculada à aparência, ao status e ao sentir bem o tempo todo, o corpo torna-se objeto de constante investimento e preocupação. Este ponto foi um dos motivos que deu origem a esta pesquisa, que investigou a atuação de uma professora de Educação Física com deficiência física, considerando a ideia contra hegemônica, na perspectiva da formação profissional e atuação como *personal training*.

Trata-se de um estudo de caso de uma profissional de Educação Física com deficiência física adquirida, lesão medular, em decorrência de um acidente automobilístico, ocorrido antes do seu início na graduação. Tem por objetivo investigar a atuação de uma professora de Educação Física, com deficiência física, que atua como *personal training* em uma academia de ginástica. Busca-se também identificar, a partir de sua percepção, como aspectos relacionados ao estigma, estereótipo e preconceito se manifestam em sua atuação.

ENTRELAÇANDO CONCEITOS: ALGUMAS REFLEXÕES

As pessoas com deficiência, ao longo da sua existência, vivenciam cotidianamente processos de exclusão nos diferentes contextos sociais. Isso pode ser atribuído ao fato de a sociedade estabelecer meios de categorização e padronização das pessoas, de acordo com seus atributos e normas de referências/valores, em detrimento de um determinado padrão de normalidade. Goffman (1998) ao cunhar o conceito de estigma, o caracteriza como um atributo que está desacreditado profundamente e o distingue em três diferentes tipos. O primeiro é descrito como abominações do corpo, e neste se encaixa a categoria das deficiências físicas ou desfigurações. O segundo seriam as manchas de caráter individual, como o transtorno mental, homossexualidade, alcoolismo. Classificou, em uma categoria final, o estigma tribal incluindo raça, cultura e minorias religiosas, aspectos esses que podem ser transmitidos através da linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Logo, o estigma refere-se a uma forma pejorativa, depreciável do ser humano, por meio de suas características ou comportamentos fora das regras ou normas sociais. Para Souza e Barros (2012, p.208), “O estereótipo é definido enquanto um produto social fruto das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, determinados sociologicamente”.

Ainda, segundo Hall (2016), o estereótipo reduz, naturaliza e fixa a diferenç. Para o autor, o estereótipo está fortemente relacionado ao preconceito que acaba por refletir julgamentos sociais, geralmente de cunho negativo e pejorativo, baseados em falsas crenças ou não verdades construidas a partir de padrões normativos. Considera-se que as caracterizações que ajudam a compor um estereótipo estão relacionadas a um grupo ou a grupos sociais sendo que parte do que está sendo representado pode refletir, em certa medida, uma “verdade” parcial, (Pessoa, 2018).

Discutir e refletir sobre o preconceito, principalmente quando este é direcionado às minorias sociais, é fundamental para que a sociedade possa se desprender das amarras culturais que normalizam e padronizam os indivduos. Para tanto, McLaren, descreve que o preconceito é

o prejulgamento negativo de indivduos e grupos com base em evidências não reconhecidas, não pesquisadas e inadequadas. Como essas atitudes negativas ocorrem com muita frequência, elas assumem um caráter de consenso ou cunho ideológico que é, muitas vezes, usado para justificar atos de discriminação (McLaren, 1997, p. 212).

No entendimento de Silva (2006), o preconceito incorpora fenmenos contemporâneos, resultantes das relações sociais cada vez mais impeditivas para a reflexão sobre a própria impotência diante de uma ordem social que diferencia pela estigmatização. Ainda, segundo a autora, as atitudes de preconceito desenvolvem-se no processo de socialização que é fruto da cultura e da sua história. Para Crochik (1996), as relações pessoais dos preconceituosos se do através de categorias que permitem classificar os indivduos, o que impede que a experincia individual possa se contrapor ao estereótipo. O indivduo preconceituoso fecha-se dogmaticamente em determinadas opiniões, sendo assim impedido de ter algum conhecimento sobre o objeto que o faria rever suas posições e, dessa maneira, ultrapassar o juízo provisório (Silva, 2006).

De acordo com Buscaglia (1997, p. 80), “o preconceito pode ser dirigido  raç, cor, religião, condição, ao status social e até mesmo a diferenças fcsicas e mentais e se constituirá em uma forçá potente e influente no comportamento da família”. No caso das pessoas com deficiência, um dos termos que ajuda a compreender e explicar o processo de preconceito e exclusão é o capacitismo. Para Mello (2016) o capacitismo é um “tipo de discriminação que se materializa na forma de mecanismos de interdição e de controle biopolítico de corpos com base na premissa da (in)capacidade, ou seja, no que as pessoas com deficiência podem ou são capazes de ser e fazer”. Ainda, na perspectiva da autora, o conceito de capacitismo alude a uma postura preconceituosa que hierarquiza determinados corpos, considerados como inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação em função da corponormatividade.

O conceito de atitude é fundamental para compreensão dos problemas atuais, como a exclusão provocada pelo preconceito. Para Cardoso (1992), a atitude pode ser encarada como uma disposição a

reagir de maneira favorável ou desfavorável a um determinado referente. Nesta perspectiva, o preconceito tem haver com a atitude, que seria um comportamento diante de um objeto e/ou indivíduo. A autora propõe três componentes para o entendimento das atitudes, sendo elas: a cognitiva, que seria a apreensão ou representação cognitiva do objeto; a afetiva, que seria no campo do sentimento e emoções e a comportamental, tendência ou intenção de agir. Isso nos ajuda a pensar e a refletir sobre a questão do preconceito e do estigma para melhor compreendê-los.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso e utiliza-se de análise qualitativa, descritiva e exploratória. Segundo Minayo (1999), existem múltiplas possibilidades de abordagens metodológicas na pesquisa qualitativa. Desse modo, a metodologia inclui um conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade, concepções teóricas de abordagens diversas, como também a capacidade criativa do pesquisador. Como destacam Passos e Barbosa (1999), o estudo de caso permite uma investigação aprofundada do campo de análise, possibilitando a construção de problematizações sobre a realidade abordada em diferentes níveis (Passos & Barbosa, 1999). Ludke & André (1986), definem o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa indo da simplicidade à complexidade do fenômeno, tendo um interesse próprio, único e particular.

O estudo de caso aqui proposto tem como foco a percepção de uma profissional de Educação Física, com deficiência física adquirida, sobre a sua atuação como *personal training* em academias de ginástica. De acordo com Matos & Jardimino (2016), a percepção pode ser entendida como um fator importante para interpretação de uma realidade. Isso significa que não percebemos o mundo diretamente porque a nossa percepção é sempre uma interpretação desse mundo. Para realizar a coleta de dados, o instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada. De acordo com Minayo (1999), a entrevista semi-estruturada permite identificar as hipóteses ou pressupostos do investigador, contemplados numa espécie de conversa com finalidade.

A seleção da participante da pesquisa se orientou pelos seguintes critérios: I - ser professor (a) de Educação Física em academias de ginástica; II - ser pessoa com deficiência física que utiliza cadeira de rodas para locomover-se; III - atuar como *personal training*.

Considerando tais critérios, a participante da pesquisa é uma *personal training*, com deficiência física adquirida aos 20 anos de idade, em decorrência de um acidente automobilístico. Ressaltamos que a graduação em Educação Física foi realizada após o acidente. A profissional atua em uma academia de grande porte, situada na região Sudeste do Brasil.

Para tratamento dos dados, foi utilizado análise de conteúdo. A análise de conteúdo foi construída a partir da leitura sistemática da entrevista, possibilitando a formulação de hipóteses iniciais a respeito dos temas centrais presentes nos diálogos. Para Minayo (1999), o

analista de cont4udo exercita com maior profundidade esse esforo de interpretao e o faz no so sobre os cont4udos manifestos, mas tamb4m sobre os latentes. Neste sentido, foram constru4das as categorias de anlise, sendo elas: Preconceito, estigma e esteretipo, identidade social e autopercepo profissional.

PRECONCEITO, ESTIGMA E ESTERETIPO: SUAS RELAES COM A DEFICI4NCIA

A forma como nos referirmos s pessoas com defici4ncia pode evidenciar um processo de segregaao e preconceito em vrios segmentos sociais nos quais ela transita, ainda que seja velado. Esse processo foi discutido, sob a viso da professora entrevistada, demonstrando como o preconceito, o estigma e o esteretipo fizeram ou fazem parte da sua trajetria profissional. Ao entrevist-la a primeira pergunta feita foi: “você j percebeu algum preconceito no ambiente profissional?”

“Nunca, pra mim, nunca. Porque eu tento, atrav4s das minhas atitudes, desconstruir qualquer pr4-julgamento. Tanto que, os meus alunos que iam pra competio de ginstica, por exemplo, eles iam cumprindo com todos os regulamentos, pra fazer, por exemplo, um duplo mortal. E , como 4 que a Maria¹ ensina um duplo mortal, sem ir l na frente e fazer? Ento, minhas portas esto sempre abertas das aulas, abertas, e as pessoas podem ver como 4 que tudo acontece. Nesse momento, 4 desfeito, 4 desconstru4do qualquer pr4-julgamento. As pessoas v4em que tudo acontece naturalmente, normalmente, de formas diferentes, porque a gente 4 muito robotizado e no imagina que as coisas podem acontecer de formas diferentes. Ento, no tenho nenhum tipo de preconceito, no tive, no permito isso com as minhas atitudes. Acredito muito nisso, assim. Ningu4m, agora, o preconceito velado, tamb4m ele pode ocorrer, mas eu tamb4m consigo captar bastante, assim... E eu j fico de olho quando isso acontece. Vou l e cerco esse indiv4duo at4 ele expor e a gente conversar. Mas assim, 4 muito raro, eu nunca passei por nenhuma situao de preconceito escancarado assim no. Porque as pessoas so julgam aquilo que no conhece”.

Quanto ao preconceito no campo profissional, segundo a professora, ela no passou por nenhuma situao que julgasse ter sofrido discriminao por ser uma pessoa com defici4ncia. Este fato pode ser considerado positivo quando se concebe uma sociedade contempornea que valoriza o corpo, a est4tica e a efici4ncia, principalmente nos profissionais de Educao Ffsica. Por4m, admite que exista o preconceito velado, quando afirma que, ao perceber olhares preconceituosos, aborda a pessoa para uma conversa.

Chama-nos a ateno a sua fala que por um lado afirma no ter sofrido preconceito e por outro alega que percebe, em alguns momentos, olhares de julgamento. Ao identificar tais olhares ela utiliza como estrat4gia a antecipao. Aborda as pessoas e procura dialogar sobre a sua condio com o intuito de diminuir o preconceito. Isso pode evidenciar que a professora embora diga que no sofre preconceitos, se antecipa a eles como poss4vel estrat4gia de defesa. Al4m disso, diz manter as portas abertas em suas aulas para que as pessoas vejam e desconstruam seus preconceitos. Podemos, de

alguma maneira identificar, que a professora utiliza estratégias para manter o seu bem-estar emocional e lidar com a situação do preconceito. Por outro é preciso questionar o motivo de tal antecipação. Será uma dificuldade da própria professora em lidar com a sua condição de deficiência física e, dessa forma, necessita antecipar ações de esclarecimento para evitar a concretização dos julgamentos? Porque ela precisa antecipar e não esperar que a situação se concretize para então lidar com ela? Estaria, neste sentido, evitando o julgamento e isso lhe deixaria em uma situação mais confortável? Esses são alguns possíveis questionamentos que levantamos e que nos remetem à ideia de como os padrões hegemônicos de normalidade podem subjetivar os sujeitos e, de alguma maneira, encobrir os preconceitos que criamos diante das nossas próprias condições. Aqui ressaltamos a perversidade da padronização de um modelo de sociedade que responsabiliza o sujeito pelo corpo que possui (Pereira, 2008). De acordo com Silva (2006), o corpo com deficiência nunca passa despercebido aos olhares da sociedade que exige desse corpo um enquadramento de modelo estético e hegemônico.

Também foi possível observar a temática em torno do preconceito através da resposta da professora frente a seguinte pergunta: “Para você, quais são os motivos que levam seus alunos a te contratarem?”

“Nenhum, porque eu que escolhi os meus alunos... [risos]... Na verdade, eu que escolho os alunos, porque não sou uma personal comercial, de ter vários alunos, passei um pouco dessa fase. Então, mas respondendo a sua pergunta, eu imagino que, aqueles alunos que me contratam, eles têm uma pegada especial também. Eles têm um olhar além do estético. Eles têm um olhar um pouco mais ampliado, não é qualquer pessoa, já é uma pessoa com um grau a mais de evolução aqui. Então, esses são os alunos que me contratam”.

Em um primeiro momento de sua fala, tem-se a sensação de que ela é disputada por alunos e se dá o direito da escolha. Novamente nos chama a atenção a possível estratégia da autodefesa. Por outro lado, ao longo de sua resposta, ela modifica o discurso dizendo que os alunos que a procuram têm também algo especial. Aqui fica um questionamento do que seria esse especial. Seria, aquilo que foge ao padrão? No caso, a professora diz que o interesse dos alunos não está muito centrado no aspecto estético. O olhar para além do estético pode ser um olhar voltado para questões de saúde, bem-estar emocional, qualidade de vida, entre outros, se configurando assim no que os diferencia de outros alunos.

Além disso, destacam-se duas situações de preconceito observadas na fala. A primeira, quando relata que seus alunos têm um grau a mais de “evolução”, ou seja, seriam eles pessoas que não possuem preconceitos? Isso é algo questionável, uma vez que as pessoas não estão isentas do preconceito e nem de senti-lo. Por outro lado, podemos pensar que lidam de uma forma menos preconceituosa com a situação e que a contratam pela sua capacidade profissional. Outra possibilidade é pensar que o preconceito acontece também por parte dela ao dizer que os alunos que não a contratam não são “evoluídos”. Esta fala, de alguma forma, corrobora com a afirmação de Silva (2006) sobre a estratégia defensiva. Uma outra possibilidade se dá quando ela

confirma que nem todo aluno compreende a capacidade dela de ser uma boa profissional, e que por isso não a contratam. Aqui reforça a transferência do conceito de preconceito para o de capacidade. Na percepção da professora a questão está na não percepção das pessoas sobre sua capacidade profissional. Será que a isso não poderíamos chamar de preconceito? Para Tomas (2016), as pessoas com deficiência precisam provar que, para além das suas limitações, há um indivíduo com capacidades e potencialidades para aprender e fazer na sociedade contemporânea.

Entendendo que o olhar preconceituoso e estereotipado para a pessoa com deficiência reforça o estigma social, questionamos a *personal* se ela percebia o estigma e o estereótipo da pessoa com deficiência na sociedade contemporânea.

“Bastante. O movimento das pessoas com deficiência ele é um movimento recente, ele não é tão antigo. Então, ele tem aproximadamente 50 anos que a gente, né? Tá tentando, que a gente tenta mostrar pra sociedade que existe um cidadão pleno de direitos ali. Então, as conquistas, as legislações, elas estão aí, mas é um movimento recente. Então, em função desse movimento não ser tão antigo, por ser ainda recente, carregamos esse estigma da exclusão. Ainda, até hoje, você pode ver exemplo que as pessoas param nas vagas das pessoas com deficiência, de estacionamento, justamente porque entendem que a pessoa com deficiência, ou um cadeirante nunca vai dirigir, que aquela vaga está ali só pra enfeitar. Então eu paro porque ele nunca vai vir aqui, ele não anda de carro, nem se quer dirige. Então eu paro na vaga. Esses estigmas ainda existem. É claro que a falta de civilidade é maior, mas esses estigmas ainda prevalecem”.

Ela explica que o estigma social que gera exclusão se faz presente na sociedade. Este fato, mesmo depois das conquistas dos direitos das pessoas com deficiência, está presente nas relações cotidianas, quando uma pessoa não respeita uma vaga exclusiva para cadeirantes, por exemplo. Segundo a professora, as pessoas não respeitam essas vagas de estacionamento por acreditarem que os cadeirantes não dirigem, não circulam. Aqui é preciso ir além de uma visão romântica sobre a deficiência e ter claro a invisibilidade das pessoas com deficiência na sociedade e a presença forte de um padrão cultural de normalidade que desconsidera o outro corpo diferente desse padrão. Ainda sobre estigma e preconceito, a professora também relatou:

“A falta de um professor que entenda libras. Na academia, onde eu atendia, fui professora de sala durante mais de 3 anos, quando chegava um surdo eu que atendia, não tinha ninguém que pudesse conversar com ele em libras, e o pouco que eu sei foram os próprios amigos surdos que me ensinaram e a gente conseguia então se comunicar”.

Temos presente nas duas falas acima não somente a questão do preconceito e estigma, como também da acessibilidade. Em relação ao preconceito e estigma ficam presentes as marcas que os sujeitos com deficiência possuem aos olhos da sociedade. Seja cadeirante ou surdo, como o exemplificado acima, já é o suficiente para definir quem são esses sujeitos. Para Siqueira e Cardoso (2011, p. 94),

o processo de estigmatização não ocorre devido à existência do atributo em si, mas, pela relação incongruente entre os atributos e os estereótipos. Os normais criam estereótipos distintos dos atributos de um determinado indivíduo, caracterizando, portanto, o processo de estigmatização.

Segundo Goffman (1988) os "normais" de forma geral, não sabem lidar com o estigmatizado, pois a diferença fica evidente na relação entre estigmatizado (neste estudo, a pessoa com deficiência) e não estigmatizado. Para o autor esse processo das relações sociais entre pessoas estigmatizadas e pessoas não estigmatizadas, em geral, seguem o fluxo das pessoas não estigmatizadas. Isto se dá devido ao modo de percepções desses indivíduos, os quais não as permitem pensar uma pessoa estigmatizada em uma categoria equiparada com a sua.

Em relação à acessibilidade, se, em um momento anterior, a professora ressalta a ausência de intérpretes nas academias para a pessoa surda, a fala a seguir reforça a exclusão daqueles que necessitam utilizar a cadeira de rodas.

“O outro ponto é a acessibilidade física mesmo, arquitetônica das academias, que muitas ainda não tem esse acesso. Então a disposição dos aparelhos pra circulação, pense o seguinte: onde você circula bem, aliás, é o contrário, onde eu circulo bem, você vai circular muito melhor, porque acessibilidade é muito importante pra todos nós. Enquanto tivermos pensando na acessibilidade só para a pessoa com deficiência ou cadeirante, ainda vai ser uma visão muito reducionista e a gente não vai conseguir incorporar essa questão, esse conceito da acessibilidade na sociedade. Então a acessibilidade tem que ser vista como boa para todos. Enquanto tiver vista só para a Maria, para outros cadeirantes, a gente não vai avançar. Então a questão da acessibilidade também é um ponto que impede as pessoas com deficiência a estarem na academia, né?”.

Deve-se considerar que nem todas as academias são acessíveis para cadeirantes. É muito comum que elas estejam instaladas em andares superiores ao solo, no qual o acesso precisa ser feito por meio de escadas. Outro fato a considerar são aparelhos muito próximos, dificultando o deslocamento de um cadeirante. Antes disso, tem o percurso para chegar à academia, ou seja, as vias públicas. Nem todos os cadeirantes possuem carro para o deslocamento, dependendo de vias acessíveis, ruas, transporte e passeios para fazerem o trajeto. Um questionamento feito por Diniz (2012, p.17) reforça a fala da professora, apontando o modelo social da deficiência. “Quem é deficiente para o modelo social da deficiência? Seria um corpo com lesão o que limitaria a participação social ou seriam os contextos pouco sensíveis à diversidade o que segregaria o deficiente?” Nesse sentido, temos claro a privação ao direito de participação social daqueles que trazem no corpo a marca que os diferencia dos “normais”. Em uma sociedade padronizada para um determinado grupo majoritário de pessoas, em determinadas situações, não há espaço para aqueles que fogem a esse padrão. Enquanto a pessoa com deficiência for considerada como um grupo a parte da sociedade, fora desse padrão ou da norma, isso vai acontecer. O máximo que poderia acontecer talvez seriam adaptações pontuais que atenuassem as

diferenças dando a falsa sensaçao de que se estaa construindo espaços inclusivos.

A respeito do estereotipo ffsico/estético do profissional de Educaçao Ffsica, no qual os serviços oferecidos por estes profissionais, principalmente em redes sociais, versam sobre o corpo magro e definido, foi perguntado à professora se ela julgava importante o professor de Educaçao Ffsica estar nos “padrões estéticos sociais de corpo”. O questionamento vincula-se às categorias discutidas anteriormente, pois se trata de uma questao que é muito valorizada no mercado de trabalho do *personal training*, o corpo como forma de valor na profissao.

“Pois é, eu não julgo nada nem ninguém, mas, falando nesses padrões estabelecidos não sei aonde, nem por quem, eu estaria completamente fora, né? Desse meio. Mas, eu não acredito que tenha que ser por aí. E, infelizmente, quando a gente se depara com situaçoes assim, a gente também se depara como é pobre esse profissional e tanto quanto quem requer esse serviço, contrata, como são pobres de conhecimento, experiéncia e conteúdo, né? Então, é uma faca de dois gumes, né? Eu prefiro estar fora dos padrões estéticos estabelecidos por não sei quem e nem sei quando, nem onde e ter consciéncia de movimento, ter propriedade do meu trabalho, ter conhecimento, know-how, que estar padronizado esteticamente”.

A professora afirma que a qualidade técnica do profissional deve prevalecer quando se contrata um *personal*. Ou seja, as pessoas não devem considerar só as questoes estéticas. Deve-se ir além do corpo belo ou referencial. O profissional de Educaçao Ffsica que atua em academias fica sujeito ao sistema de mercadorizaçao do corpo.

Outro fator apontado pela professora é que os profissionais que valorizam as questoes estéticas são pobres de conhecimento, experiéncia e conteúdo. Tal afirmaçao revela novamente uma perspectiva de autodefesa em contraposiçao ao preconceito que sofre (Silva, 2006). Assim, dizer que são pobres de conhecimento não pode ser uma justificativa facilmente aceitável. É preciso analisar essa fala considerando que o mercado da estética tem comandado comportamentos na contemporaneidade e se contrapor a essa lógica mercadológica não é algo simples de se fazer. Segundo Lima (2009), somente é considerado como um bom profissional quando o número de alunos é elevado. Assim, o qualitativo fica tomado pelo quantitativo e esse profissional passa a ser um mero repetidor de técnicas de marketing, adestrado para alcançar as expectativas de lucro da empresa, respondendo à lógica do mercado e do corpo. Por outro lado, como se posicionar diante de uma realidade tão excludente carregando a marca de uma deficiéncia? Essa não é uma questao simples de responder e nem é pretensao do estudo. Porém, entendemos ser importante trazê-la como forma de chamarmos a atençao para a complexidade do tema, que sabemos, não se esgota aqui.

A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL APÓS O ACIDENTE: O QUE MUDOU?

Para refletir sobre o a construção da identidade do sujeito, coloca-se aqui o corpo como foco dessa construção, pois, no que tange ao aspecto físico, é por meio dele que os outros definem quem nós somos. As sociedades em geral, são caracterizadas pela diferença. Elas são atravessadas por distintas divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de sujeitos, resultando assim, em construções identitárias (Silva, 2014). Por mais que se construa reflexões sobre identidade é preciso ressaltar a dificuldade de se romper com uma ordem hegemônica previamente estabelecida. Nesse caso, se pensarmos sobre a diferença como uma marca da sociedade, e como uma condição geral (Burbules, 2012) temos aqui a emergência do conflito que desnuda as relações de poder nos âmbitos social e cultural. É nesse movimento dialético que as identidades são produzidas e, por conseguinte, os sujeitos e os seus estereótipos. Neste sentido, acordo com Silva (2014), os sujeitos vão configurando as suas respectivas identidades a partir das percepções e representações dos que estão à sua volta, ou seja, de acordo com a cultura em que vivem.

Ao abordar o tema identidade é preciso ressaltar que se trata de um campo tenso e atravessado por relações de poder. Ao discutir a identidade Silva (2000) nos leva a refletir sobre a sua construção social e cultural além de defini-la como resultado de produção simbólica e discursiva. Para o autor identidade e diferença estão sempre relacionados à processos de inclusão e exclusão, de pertencimento e não pertencimento implicando em um processo de classificação social.

No caso da participante da pesquisa, ressaltamos que a mesma possui uma deficiência física adquirida após um acidente ocorrido aos vinte anos de idade. Vale dizer que anteriormente ao acidente ela praticava *ballet*. Tal fato é relevante ao pensarmos que o corpo do bailarino requer determinados padrões socialmente determinados. Sofrer um acidente que resulta na modificação desse corpo exigirá a releitura dessa nova configuração corporal que perde o seu lugar anteriormente conquistado e socialmente definido. Ao perguntá-la sobre o que mudou na percepção do seu corpo após o acidente ela responde:

“Muita coisa mudou, viu? Eu precisei, após o meu acidente, fazer uma releitura do meu corpo. É claro que o ballet me ajudou muito e me ajuda até hoje nessa nova percepção. O ballet foi fundamental. Estar envolvida com o movimento me deu certas facilidades pra encarar as resistências e pra fazer uma nova releitura física. Tanto é que eu sou vegetariana há 24 anos e essa é uma escolha que eu fiz depois dessa releitura corporal. Então, todo mundo me pergunta se eu sou vegetariana por causa de alguma outra situação e não é, foi exatamente por causa dessa releitura. A carne era uma situação que eu entendia que não me deixava rápida e leve, sentada. Eu precisava tá... preciso tá sempre leve e rápida. Então alimentação era imprescindível. Essa leitura pra mim é bem clara assim, do antes e do depois. Mas é claro que eu tive mudanças absurdas físicas, mas em compensação eu tenho 27 anos de lesão medular e eu não tenho nenhuma dor, não tenho nenhuma limitação de coluna, de movimento da coluna e consigo manter meu corpo dentro de uma situação que, com 27 anos de lesão, posso dizer que sou uma privilegiada, porque meu pé é pé, meu joelho é joelho, você tem as situações que são naturais de uma lesão medular, decorrentes dela, as atrofias, mas eu corro

muito em busca dessa saude ffsica. Entao eu mantenho a fisioterapia ate hoje como uma manutenço, me exercito bastante e no que eu posso executar sozinha, eu to sempre fazendo. Entao eu to sempre em movimento tambem”.

No inicio de sua resposta ela afirma ter que realizar uma releitura do seu corpo. Por um lado, nao fica claro as tensoes vivenciadas na construço dessa nova identidade. Por outro, ela relata que o *ballet*, praticado anteriormente ao acidente, foi de fundamental importancia para a sua releitura. O *ballet* aparece aqui como ponto de referencia para a construço de novos movimentos impostos pelos limites de um corpo que sofreu uma lesao medular. E interessante destacar que, como diz Silva (2000), a identidade e sempre um processo em construço e uma busca pelo pertencimento a alguma classificao. Tal fato pode ser observado ao ressaltar os cuidados com a alimentao. Considera a alimentao um fator importante para estar mais agil e leve para se deslocar, uma vez que a sua cadeira nao e motorizada. Todo trajeto feito por ela e realizado com as maos que passam a cumprir um papel fundamental no exercicio de sua profissao em funcao das limitaoes funcionais adquiridas pelo corpo. Podemos observar aqui a busca por estrategias que possibilitem o exercicio da profissao e que nao a excluam desse lugar, uma vez que seu corpo ja nao pertence ao padrao funcional e socialmente aceito em uma sociedade da normalizao (Silva, 2000 & Pereira, 2008).

Para alem dessas questoes e importante chamar a atencao para aspectos esteticos que aparecem na fala da professora. Ha uma preocupao em manter ou pelo menos se aproximar de um padrao estetico socialmente definido. A luta pela manutenço do corpo pode, de alguma maneira, evidenciar uma tentativa de pertencimento a certos grupos sociais. Quando pensamos em construcoes identitarias, e preciso considerar as identidades sao formadas e transformadas no interior das representaoes (Hall, 2015). Em relao a identidade social, foi perguntado a ela como percebia a sua identidade social antes e depois de se tornar cadeirante?”

“Uma coisa e fato assim... A deficiencia me tornou muito popular. E eu acredito que e em funcao da deficiencia, me deixou muito popular. Mas, eu nao sou uma pessoa antes do acidente, uma pessoa depois do acidente. Eu sou a mesma pessoa, o que se afiora sao as caracteristicas que eu ja tenho, ja tinha e que talvez eu tivesse que utilizar mais agora. Mas eu nao sou uma pessoa diferente do que era antes do meu acidente. Eu sou a mesma pessoa. Mas sou uma pessoa diferente depois da analise... [risos]”.

Como e possivel perceber, a profissional afirma que a deficiencia a tornou popular. Neste sentido, e possivel inferir que ha uma tentativa de evidenciar que sua identidade atual esta atrelada a deficiencia que surgiu como um fator positivo, afinal se tornou popular. Fica, portanto, aqui, a duvida se isso pode ser visto como beneficio ou se e uma manifestao de autodefesa. Observamos que ha uma inclinao a definir sujeito e deficiencia como sendo uma coisa unica. Ela ressalta que nao mudou e e a mesma pessoa antes e depois do acidente. Nesse caso, sera que no seu entendimento a deficiencia foi acoplada a ela apos o acidente? Um dos grandes questionamentos feito no campo

dos estudos sobre deficiência é exatamente essa representação social do sujeito via deficiência. O sujeito não é a deficiência. Ela é apenas uma característica como qualquer outra, considerando aqui, a perspectiva social da deficiência.

A fala apresenta contradições sutis. Uma hora diz ser a mesma pessoa, outra diz se tornar popular após o acidente e outra diz que a mudança se deu com análise. São três aspectos diferentes que podem revelar um conflito na construção dessa identidade. Para Bauman (2005) existem algumas individualidades que são impostas na sociedade, como o estereótipo, estigma, rótulos, que são promovidos por forças inimigas. Assim sendo, a identidade escolhida persiste frente às sobras das antigas impostas pela sociedade. A entrevistada contrapõe a ideia de personalidade imposta socialmente às pessoas com deficiência, afirmando que a deficiência lhe deu popularidade e, de certo modo, prestígio social. Porém, a cultura molda o sentido da experiência ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade (Hall, 2015).

Outro aspecto a ser ressaltado é sobre a sua percepção como profissional. Desta forma, perguntamos sobre o como é, para ela, a sua atuação como *personal* com deficiência:

“Olha, eu não consigo ver nenhuma diferença, porque eu participo integralmente das aulas dos meus alunos. O que eu precisei desenvolver e que eu acho que o ballet e a ginástica contribuíram demais com essa minha percepção corporal, essa consciência corporal, foi desenvolver essas ferramentas de como ensinar. Então, por exemplo, se você vai ali na frente e dá três pulinhos pro seu aluno repetir os seus três pulinhos, eu encontro ferramentas pra fazer com que ele entenda quais são os movimentos, são três pulos, e como vou fazê-lo executar isso dentro do que eu espero e dentro do que ele espera também. Então, não vou lá na frente fazer os três pulinhos pra ele repetir. Então essa ferramenta é que eu percebo que é um diferencial de você ter bastante propriedade sobre a execução de um determinado movimento e fazê-lo entender apenas com sua explicação e o olhar pra saber se está executando corretamente. Agora com relação a socialmente, assim, não vejo nenhuma diferença. Não há nada que o meu aluno não possa fazer nas minhas aulas e não há nada, nenhum limite que me impeça de ensinar qualquer coisa a ele”.

“Eu estou preparada pra qualquer coisa. Se você tiver passando perto de mim e eu tiver oportunidade, eu vou pedir pra que você faça algum movimento pro meu aluno olhar, não tem problema nenhum... Mas, eu consigo utilizar das duas ferramentas, só que é bem mais fácil você demonstrar e o aluno copiar, do que você fazer com que o aluno tire dele a sua própria identidade de movimento, né? Então, isso que eu acho que é um grande diferencial. Isso que eu acho que falta em muitos profissionais, o feeling”.

A técnica de instrução oral utilizada pela professora, para explicar um determinado movimento, é a mais aplicada. Após a explicação, a professora espera que o aluno entenda o gesto e o execute de maneira correta, sob seu olhar atento. Segundo a mesma, o *ballet* e a ginástica (práticas realizadas antes do acidente) contribuíram para a percepção dos movimentos executados no corpo do aluno. Porém, em relação ao exercício físico, essas práticas não são essenciais e nem garantem

diferencial de prtica profissional. O *feedback* da *personal*, aps a execuo, importante e faz diferena.

Como diferencial, ela ressalta que esse m4todo permite que o aluno tenha uma consci4ncia maior do gesto em comparao ao profissional que utiliza da demonstrao/execuo como m4todo de ensino. Assim, ela afirma que a forma de instruo oral permite ao aluno pensar no movimento. Cabe destacar que tal m4todo relatado como um diferencial legtimo a qualquer profissional de Educao Ffsica, com ou sem defici4ncia.

Chamamos a ateno a busca, talvez no percebida por ela, pela negao da defici4ncia. importante ressaltar que as diversas falas da *personal*, ao longo da entrevista, so atravessadas por contradies. Em um momento a defici4ncia a torna popular, em outra no v4 diferena entre ela e um profissional que no tenha defici4ncia ffsica. n4tido aqui o conflito identitrio e a busca por se encaixar em uma classificao socialmente aceita. Recorrendo a Silva (2000) podemos dizer que as falas da *personal*, mesmo que tacitamente, esto sempre em busca da identidade normal, aquela que se d de forma natural.

Importante salientar tamb4m que o profissional sem defici4ncia pode utilizar, al4m do artif4cio citado por ela, a metodologia de executar o movimento e o aluno reproduzi-lo. Assim, o aluno teria mais um recurso de ensino/aprendizagem. Por4m, a prtica da atividade ffsica no se fundamenta ou se justifica somente na reproduo sem embasamento. A informao, a viv4ncia e a experi4ncia que passada pelo professor ao aluno no se caracterizam como uma prtica repetitiva dos conte4dos, mas reflexiva, crtica e participativa (Faggioon, 2011). Logo, a forma com que o professor utiliza determinada t4cnica para ensinar o aluno, vai diferenciar a qualidade do processo de execuo dos movimentos. Tamb4m, quanto mais recursos didticos o professor possuir, melhor ser o entendimento do aluno na prtica de atividade ffsica. Isso no significa que o que a professora utiliza como recurso no produza bom resultado.

CONCLUSO

A pesquisa centrou-se nas questes de preconceito, estigma, estere4tipo e identidade, a partir da percepo de uma professora de Educao Ffsica (*personal training*) com defici4ncia ffsica. O estudo se deu por meio de um estudo de caso realizado com uma *personal*. Cabe problematizar que o discurso da professora pesquisada de um lugar singular, de um sujeito especfico, que no retrata uma realidade geral dos professores de Educao Ffsica cadeirantes, que atuam como *personal training*. Mesmo considerando essa especificidade, a pesquisa permitiu analisar muitos pontos a respeito da profisso e a insero social desse profissional no mercado de trabalho.

Sobre preconceito, estigma e estere4tipo no campo de atuao como *personal training*, ela afirmou no ter passado por nenhuma situao desse tipo no ambiente profissional, mas admite existir o preconceito velado. A profissional acredita que, quando as pessoas

veem o trabalho que ela faz com seus alunos, desconstroem o olhar preconceituoso que possa existir, tanto que mantém a porta aberta durante os seus atendimentos profissionais. Podemos ressaltar aqui que a preocupação com o pré-julgamento se faz constante para a professora. Ela costuma concentrar suas ações na desconstrução do preconceito que os alunos e outras pessoas possam ter sobre ela se antecipando aos comentários que venham a surgir. Para tanto ela mantém-se atenta aos olhares no seu entorno.

Relatou que as próprias pessoas com deficiência podem ter rejeição de frequentar academias, por acreditarem na suposição, construída na sociedade, de que academias não são lugares para elas. Na percepção da professora, o preconceito existe quando as pessoas não reconhecem sua capacidade profissional, reforçando a ideia de que o capacitismo faz parte do olhar social para as pessoas com deficiência. A personal afirma que as pessoas com deficiência ainda carregam o estigma da exclusão social, atribuindo isso a valores construídos culturalmente, que segregavam esses indivíduos. Ela destacou a falta de acessibilidade como uma forma de exclusão social, afirmando que deficientes são os locais que não permitem o acesso aos cadeirantes. Por fim, o pensamento do estereótipo do corpo magro e definido, muitas vezes vinculado aos profissionais de Educação Física, é questionado por ela. Acredita que a qualidade técnica de ministrar aulas é o que deve prevalecer ao contratar um profissional. Consideramos que a valorização da estética e do corpo, atribuída ao profissional de Educação Física, traz importantes questionamentos para esse campo. No caso do personal training com deficiência física, considerando a lógica da eficiência e do corpo referencial, que muitas vezes é atribuído a esses professores, esse profissional, independente da qualidade do trabalho oferecido para seus alunos, passa por um olhar de estranhamento e de preconceito.

Em relação a sua identidade social após o acidente, a professora destacou que precisou fazer releituras do seu corpo. Afirmou que a prática da atividade física foi fundamental nessa nova percepção de corpo, pois entendia que a mesma ajudaria nas atividades de vida diária, como deslocar-se com a cadeira. Evidenciamos os aspectos estéticos que apareceram na sua fala destacando a preocupação em manter ou pelo menos aproximar de um padrão estético socialmente definido e aceitável. Finalizou dizendo que a deficiência a tornou popular, que trouxe benefícios profissionais devido a sua nova condição. Este fato, associamos a um comportamento de autodefesa diante do preconceito.

Quanto a autopercepção profissional da professora, destacamos a metodologia de instrução oral como a mais utilizada por ela para explicar um determinado movimento. Afirmou não enxergar uma distinção em comparação a um profissional sem deficiência. Tal afirmação estaria intrinsecamente relacionada às metodologias de ensino praticadas pela profissional. Ainda pontuou que não há nenhum exercício ou atividade que seus alunos não façam.

Por fim, é importante salientar que poucos estudos foram desenvolvidos a respeito do tema. Neste sentido, é preciso ressaltar

que há lacunas importantes no campo a serem estudadas e a necessidade da realização de mais pesquisas sobre a temática, com enfoque em professores de Educação Física com deficiência física.

REFERÊNCIAS

- Andrade, M. M. A., & ARAÚJO, R. C. T. (2018). Características de alunos com deficiência física na percepção de seus professores: Um estudo sobre os parâmetros conceituais da classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, 24(1), 3-16.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Burbules, N. C. (2012). Uma gramática da diferença: algumas formas de pensar a diferença e a diversidade como tópicos educacionais. In: Garcia R. L; Moreira, A. F. B. *Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios*. São Paulo, Cortez.
- Buscaglia, L. (1997). *Os deficientes e seus pais*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record.
- Cervantes, C.M. & Porreta, D.L. (2010). Physical activity measurement among individuals with disabilities: a literature review. *Adapted Physical Activity Quarterly*, Champaign, 27, 173-90.
- Crochík, J. L.(1996). Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas psicol.*, 4(3), 47-70.
- Cruz, R.A.S (2013). Políticas públicas de educação especial: o acesso de alunos com deficiência, da educação básica ao ensino superior. In: Caiado, K.R.M. *Trajetórias escolares de alunos com deficiência*. São Carlos: Edufscar.
- Dantas, J. B. (2011). Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudo e pesquisa em psicologia*, 11(3), 898-912.
- Diniz, D. (2012). *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense.
- Goffman, E. (1998). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC.
- Gregorutti, C. C., Zafanis, M. D., Omote, A., & Baleotti, L. R. (2017). A tarefa de casa na inclusão escolar: Alunos com deficiência física. *Rev. Bras. Educação Especial*, 23(2), 233-244.
- Hall, S. (2015). *A identidade cultural na pós-modernidade.*; tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação/ Stuart Hall*; tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: ed. Puc-Rio: Apicuri.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais- INEP (2019). *Censo da Educação Superior: Sinopse Estatística*. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf.
- Lima, M. (2009). Mercadorização do corpo, corpolatria e o papel do profissional de Educação Física. *Estudos*, 36(10), 1061-1071.

- Ludke, M. & André, M. E. D. A (1986). Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.
- Lustosa, F. G. & Ribeiro, D. M (2020). Inclusão de estudantes com deficiência no Ensino Superior: exigências de reconfiguração de saberes, concepções e práticas docentes. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 15(2), 1523-1537.
- Magalhães, R. C. P. (2006). Ensino superior no Brasil e inclusão de alunos com deficiência. In: Valdés, M.T.M. (org). Inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior no Brasil: caminhos de desafios. Fortaleza: EDUCERE.
- Martins, D. A.; Leite, L. P. & Lacerda, C. B. F. (2015). Políticas públicas para acesso de pessoas com deficiência ao ensino superior brasileiro: uma análise de indicadores educacionais. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 23(89), 984-1.014.
- Matos, D. A. S. & Jardimino, J. R. L. (2016). Os conceitos de concepção, percepção, representação e crença no campo educacional: similaridades, diferenças e implicações para a pesquisa. Educação & Formação, 1(3), 20-31.
- Mclaren, P. (1997). A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mello, A. G. (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. Ciência e Saúde Coletiva.
- Minayo, M.C de S. (1999). O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco.
- Passos, I. C. F; & Barboza, M. A. G. (1999). A pesquisa etnográfica no contexto da reforma psiquiátrica brasileira: especificidade, importância e o estado da arte. In PASSOS, I. C. F. (Org). Loucura e Sociedade: Discursos, práticas e significações sociais. (pp.15-26) Belo Horizonte: Argyumentvm.
- Pereira, Ray. (2008). Anatomia da diferença: normalidade, deficiência e outras invenções- São Paulo. Casa do psicólogo.
- Pessoa, S. C. (2018). Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiências e partilhas - Belo Horizonte: PPGCOM.
- Rimmer J. H. (2004). Physical activity participation among persons with disabilities: barriers and facilitators. Am J Prev. Med.
- Silva, L. (2006). O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. Revista Brasileira de Educação, 11(33), 1-20.
- Silva S., Karla C. & Barros, J. de D. V. (2012). Estereótipos étnicos e representações sociais: uma breve incursão teórica. Revista Educação e Emancipação, 5(2), 1-16.

- Silva, T. T. (2000). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais /Tomaz Thdeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes.
- Silva, T. T. (2014). Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ:Vozes.
- Siqueira, R. de & Cardoso, H. (2011). O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. Imagonautas.
- Tomaz et al. (2016). Professores com deficiência: Vivência de in/exclusão na formação inicial e contribuições para o trabalho docente. Revista COCAR, 10(19), 382-403.
- Thomaz, D. (2016). Os desafios do trabalho docente pela voz de professores com deficiência. Dissertação de mestrado em Educação- Universidade da região de Joinville: UNIVILLE.

Notas

¹ Nome fictício dado a professora entrevistada.

Notas de autor

¹ Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

¹ Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

fabricio_fps@yahoo.com.br

Información adicional

Como citar: Santos, F., & Franco, M. A. M. (2023). O professor de educação física com deficiência física e sua atuação profissional: um estudo de caso entrelançando preconceitos e estereótipos. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 16(35), e18568. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v16i35.18568>

Contribuições dos Autores: Santos, F.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Franco, M. A. M.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da FUMEC (CEP/FUMEC), sob parecer de número 3.376.826.